

Empresas se defendem

O presidente da Associação das Empresas de Medicina de Grupo (Abramge) do Rio de Janeiro, Milton Galper Posener, afirma que a Medicina está cada dia mais cara e admite que os planos individuais são mais retritivos do que os oferecidos pelas empresas. Reconhece também que os clientes acima de 70 anos são de altíssimo risco e que, por isso mesmo, pagam mais pelos planos de saúde. "Esse quadro não tem como mudar enquanto o governo não assumir parte dos problemas", conclui.

Posener justifica o controle que as empresas de assistência médica exercem sobre o tratamento dos pacientes alegando que "estão invertendo a qualidade da Medicina". Segundo ele, os médicos preferem prescrever exames sofisticados ao invés de dar ênfase aos exames clínicos. O presidente da Abramge justifica também o fato

de as empresas não estarem pagando a tabela da Associação Médica Brasileira (AMB) que prevê 80 C.Hs (CR\$ 1.650,00) por atendimento, baseado na liminar que conseguiram junto à 31ª Vara Cível de São Paulo mantendo os 50 C.Hs (CR\$ 1.000,00). Mas admite que há empresas que só pagam com 60 dias de atraso.

Exceções — Em relação às exceções das empresas que não cobrem determinados tratamentos, o representante das empresas de medicina de grupo explica que ao firmar um contrato as empresas combinam seus custos excluindo os segmentos que são atendidos pelo governo (os tratamentos mais caros). Por isso, só recentemente alguns planos começaram a cobrir cirurgias cardíacas, por exemplo, e só agora o tratamento de Aids também começa a ser coberto por algumas empresas como a Semic.